

Cá Dentro

Isabel Pereira Leite

Faculdade de Letras
Universidade do Porto



Ilustração "Eu, à janela" de Isabel Pereira Leite

Sou pretensiosa. A sério. Acredito que tenho um mundo só meu. Que construí olhando através da janela.

Qualquer janela. Janelas para o mundo. Janelas ora abertas, ora fechadas. Às vezes apenas entreabertas, semiabertas, encostadas.

As janelas são a melhor moldura para o mundo fora de nós. Enquadram-no sem que ele se aperceba.

É bom para quem está do lado de cá, dentro do seu mundo.

Esse mundo que é só meu, é um mundo cheio de mundo. Estranho, porque é, sobretudo, um mundo puramente abstracto.

Abstracto porque musical. É! Feito de um incomensurável número de pautas gravadas na memória. De notas que sei de cor ou que, às vezes, invento, porque nada traduz melhor o sentimento do que a música.

O que vejo, quando me deixo ficar à janela, à minha janela sobranceira ao mar, quase sempre é o que não está lá.

Vejo toda uma corte, ouvindo Haëndel que passa de barco com os seus músicos.

Vejo quadros soberbos, sabendo que Mussorgsky compunha para eles, quando visitava exposições.

Vejo a preto e branco e a cores, enquanto recordo o Requiem de Liszt e o Hino mais célebre do mundo, o que celebra a Alegria.

Vejo Jean-Baptiste Lully cortejando a Marquesa que sai do palácio que fica mesmo ao lado da minha casa.

Entretanto, Jordi Savall acena a Marin Marais que atravessa a rua porque se esqueceu da sequência encomendada para o filme que vai abrir o festival.

Prokofiev??? Será ele, em passo rápido, quem procura aproximar-se de Savall? Que pretenderá? Trocar impressões sobre temas sefarditas? Se calhar. É uma paixão comum, esta que diz respeito aos judeus.

Chopin, zangado com Maria João Pires que lhe alterou o sentido à peça, muda de passeio, quando a avista ao longe. Não faz mal. Maria João vai dar de caras com Anne Sophie von Otter e vão tomar qualquer coisa juntas naquele cybercafé onde Stockausen evita entrar desde que lhe pediram que comesse a pagar indemnizações pelos vidros que se partiam estranhando a sua bizarra aritmética de sons.

Sei que quase na esquina da minha rua há uma criança divertida que toca piano e compõe como uma pessoa grande. É de ascendência austríaca, dise-me o dono da tabacaria onde, regularmente, vou buscar a “Diapason”.

Da minha janela vejo carros; não, carruagens. Carlos Seixas, distraído, vai pensando que tem de voltar a Mafra. El-Rei mandou-o chamar. Haverá uma celebração qualquer. O pior são aqueles malfadados morcegos que lhe roubam a inspiração, enquanto o fazem engolir em seco...

Hoje é 5ª feira. O “velho” Bach conheceu ontem Anna Magdalena. Acho que vão ser felizes. De resto, Bach não teve que fazer apostas à conta de nenhum Salieri pronto a desafiá-lo. Se não me falha a memória, os 6 Concertos Brandenbúrgueses que o ajudarão a sustentar Família e Fama, granjear-lhe-ão novo mecenas. Mas estas serão histórias futuras.

Gosto da minha janela. Mesmo muito!

Chego a convencer-me de que, no fundo, não tem vidro – só tem caixilho, pois se o que se passa lá fora, também se passa cá dentro!

Que coisa!

Eu não existo realmente!

Na verdade, o que é que existe?

Harmonia? A harmonia de um mundo já vivido e hoje sentido?

Não sei!

Mas sei que os vejo e que os ouço. Claro que nem sempre, e muito menos vezes do que desejaria. Pensando bem, a abstracção não é um exercício fácil!

Borodine, por exemplo; é raro lembrar-me do Príncipe Igor. É natural! Vive do outro lado da cidade.

Já Tschaikovsky, que vem sempre a falar sozinho quando passa por aqui, tem um dom especial para partir nozes. Os bailarinos do Bolschoi sabem disso melhor do que ninguém e bem aproveitam o facto.

Aqui há tempos ouvi o 1º violino da Filarmónica de Berlim queixar-se de Von Karajan e do seu perfeccionismo. Parecia desmotivado: “É só mesmo pela música”, dizia para quem ia a seu lado, um tal Menhuin, se não me engano.

Cada um tem o seu carisma.

Daniel Barenboim não desiste do seu sonho. A Orquestra do Divã Ocidental e Oriental é uma concretização notável!

Ah, se o mundo todo se deixasse envolver pela música! A Terra seria toda uma...

Hoje estou mais do lado de cá do que do lado de lá.. Até senti arrepios quando Wagner, de boina na mão, me pediu licença para entrar em minha casa. O Anel dos Nibelungos é demasiado intenso. Hoje não me apetece ouvir histórias fatídicas.

Aqui à beira há um cruzamento bastante perigoso que todos os dias atravesso, às vezes completamente atónita com o que vejo, melhor dizendo, com quem vejo: um dia

destes, Telemann passou por mim a correr (ser prolífico transforma qualquer um em “caçador do tempo”), empurrando, sem o ver, Haydn, embebido na leitura d’ O Paraíso Perdido de Milton.

Haydn tinha encontro combinado com Henry Purcell, ainda não totalmente recuperado da morte de Dido. Não sei se não terá sido um encontro “ratté”, porque ainda não consegui perceber o que foi feito deles.

Mas sei, por exemplo, que Bartok e Messiaen afinal se conheciam bastante bem e que Palestrini, vindo da Basílica de S. Pedro, foi obrigado a estugar o passo, porque Stravinski, sonhando com o Beijo da Fada enquanto dormia, teimava em querer saber o que era feito de Mendelssohn, que tinha apanhado no ar os ecos de um tal “Sonho de uma Noite de Verão”, vindo de um teatro elisabetiano, onde muito se falava de um já famoso Shakespeare.

Na verdade, para além de perigoso, o dito cruzamento é demasiado povoado...

Um dia destes, um guindaste deixou cair a espineta de Couperin, ou terá sido o cravo?

Foi uma verdadeira tragédia. Ravel, mais tarde, sabendo do sucedido, acabou por desenvolver por Couperin uma fixação tão grande que não desistiu de compor uma peça com o túmulo deste em pano de fundo.

Contraste puro com esse clã Strauss tão amigo da alegria e das festas dançantes.

Verdi, muito digno na sua cartola, empenhadíssimo em espalhar aos quatro ventos que a mulher é volúvel, tem sempre problemas aqui na minha zona.

As nortadas, comuns no sítio onde vivo, não lhe são muito convenientes. Uma das mãos está permanentemente ocupada a segurar a cartola! Enfim...

E, já agora, rebusquemos na memória o que naquela esplanada, ali mais adiante, observei da minha janela, já nem sei bem quando.

Schubert, sim, era Schubert entretidíssimo a falar de trutas com meu Avô, ele também um grande apreciador de peixes de água doce.

Depois juntou-se-lhes Debussy. Calculo que lhes tenha falado do fauno e da famosa tarde durante a qual, em sonhos, o esperou. A conversa deve ter girado em torno disto, porque, com um ar muito comprometido, os dois primeiros se levantaram mal viram uma oportunidade...

Apetece-me fechar os olhos. Encosto a fronte ao vidro.

Sinto-me algures, fora do meu espaço.

Sinto-me aproximar da Lua. Que forte é essa atracção.

Beethoven – “Clair de Lune”, ancorado para sempre na minha lembrança. Que bem me faz ouvi-lo! Como é belo!

Abro os olhos. Outros mundos. O Novo Mundo! As Índias Ocidentais! Dvorjak e Jean-Philippe Rameau; saudosistas de um mundo novo que recriaram para a posteridade,

entre andamentos sinfônicos e amores galantes. Devo tê-los imaginado, porque não os vejo.

Em contrapartida, aproxima-se, de vermelho e negro, a mais célebre de todas as Carmens. Não me parece que Bizet tenha fôlego suficiente para a acompanhar. Melhor sorte terá o Toreador que a persegue. Ou não... Mas que importância tem isso?

Também eu tenho o meu quê de temperamental. E por que não?

Nunca fui musa de ninguém. Não quero que reparem em mim e peguem nos meus sentimentos para fazerem alarde deles. Isso não!

Quero apenas ser temperamental do lado de cá da minha janela, longe de celebridades como, por exemplo, Puccini.

Já chorei por amor, mas nunca como Madame Butterfly. Aliás, nunca estive no Oriente.

Já estive, isso sim, em Veneza. Dei muitas vezes de caras com o Monge Vermelho. A inconfundível cabeleira ruiva de Vivaldi só poderia pertencer a um verdadeiro temperamental. A um melancólico jamais, decididamente. A alguém capaz de interpretar Ariosto e de dar voz musical a um Orlando Furioso com certeza.

Pois!

Gosto, na verdade, de estar à janela.

Posso passar horas à janela entre histórias felizes e infelizes; entre vitórias e derrotas; entre manifestações de alegria e amores proibidos; entre o nascer e o pôr do sol.

São as emoções que nos aproximam da música. Não pode ser mais nada.

É uma questão dos sentidos. Dos cinco. Talvez dos seis, para quem for especial...

Porto, 31 de Outubro de 2010